

A construção da identidade mineira: uma análise da cobertura do aniversário de Belo Horizonte através do jornal *Estado de Minas*¹

Haydêe Sant'Ana Arantes²

Christina Ferraz Musse³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a representação da cobertura do aniversário de 110 anos de Belo Horizonte, pelo jornal *Estado de Minas*. A partir da reconstrução do passado nas edições comemorativas, referentes ao mês de dezembro de 2007, pretendemos perceber como um veículo de comunicação pode interferir, ou não, na construção da identidade de uma cidade. Além disso, observaremos também como a memória é trabalhada pelo jornal e como pode contribuir para a consolidação de identidades.

Palavras-Chaves: Comunicação; Identidade; memória; Belo Horizonte; jornal *Estado de Minas*.

1 Jornalismo, memória e construção identitária

A construção do conjunto de valores culturais de um povo ocorre através do repasse de ensinamentos, valores e ideias de geração em geração. Antes esse processo acontecia apenas de forma oral, via linguagem.

Com a invenção da imprensa no século XV por Gutenberg, a disseminação do conhecimento se tornou mais rápida e a sua preservação mais eficaz. A invenção dos jornais possibilitou a popularização das informações, circulação de idéias, além de permitir a criação de um registro histórico, um banco de dados.

Os jornais por representarem a realidade contribuem para a construção da memória das cidades, sendo tomados como fontes oficiais dos fatos. Sua utilização como referências em trabalhos e pesquisas comprovam sua importância e seu valor histórico.

Apesar do motor do jornalismo se pautar no factual, no tempo presente, nas notícias “quentes”, a mídia trabalha também com o tempo passado, ajudando a relembrar acontecimentos que tiveram relevância para a história de uma comunidade. Um exemplo disso

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, na linha Comunicação e Identidades. Email: ydesantana@yahoo.com.br

³ Professora doutora do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da UFJF. Email: musse@terra.com.br

são as datas tradicionais dos feriados que todos os anos são garantia certa de cobertura pela imprensa, recebendo muitas vezes um tratamento especial em comparação com as demais notícias.

Outros tipos de caso são as retrospectivas, homenagens a artistas, comemorações que passam a fazer parte do “calendário” da imprensa. A cobertura desses eventos por ser uma prática habitual se torna uma espécie de “agendamento” de mídia, ou seja, os veículos planejam com antecedência esse trabalho.

A tarefa de lembrar, transformar em notícia fatos passados como dias específicos e comemorações influenciam na formatação do imaginário das cidades, na medida em que imprimem uma valorização desses elementos. Isso pode levar muitas vezes à espetacularização descrita por Guy Debord, já que algumas datas são celebradas e exploradas principalmente sob o aspecto comercial que possuem e não pelo seu valor sócio-histórico.

O espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos «meios de comunicação de massa» — sua manifestação superficial mais esmagadora — que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade, é a instrumentação mais conveniente ao seu automovimento total (DEBORD, 2012, p.15).

Assim como cada indivíduo, cada cidade tem suas características, lugares e histórias, sendo reconhecida por possuir um conjunto de aspectos específicos que a difere das demais cidades. Segundo Homi Bhabha, (2001, p.33), as culturas se reconhecem através de suas projeções de “alteridade”, ou seja, a construção da identidade se dá através do contato com o outro, a partir do momento em que se percebem as diferenças entre um e outro.

A questão do resgate da memória de um lugar está intrinsecamente ligada à formação de sua identidade. A escolha entre fatos, personagens, acontecimentos que merecem ser lembrados e aqueles que são esquecidos, orienta-se de acordo com o conhecimento do seu passado e do seu contexto atual presente.

A lembrança se reconstrói sempre a partir do presente e é o grupo ao qual pertence o indivíduo que fornece ele meios de reconstruir o passado (as palavras que exprimem a lembrança, as convenções, os espaços, as durações que dão ao passado sua significação). A seletividade da memória nada mais é do que a capacidade de ordenar e dar sentido ao passado, em função das representações, visões de mundo, símbolo ou noções que permitem aos grupos sociais pensar o presente (HALBWACHS apud BARBOSA, 2007, p.83)

Ao retratar a história, os jornais produzem nada mais do que um recorte da realidade, um olhar, uma representação que não é a realidade em si. O jornalismo recolhe uma

“amostra” do todo, não reproduzindo a narrativa na íntegra. A escolha dos fatos a serem noticiados é feita com base em um conjunto de valores estabelecidos pela profissão: os critérios de noticiabilidade.

De acordo com Nelson Traquina (2008, p.63), o conceito de noticiabilidade é um conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e por isso, possuindo valor-notícia.

“Os valores notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham. Servem de “óculos” para ver o mundo e para o construir”(TRAQUINA, 2008, p.94). A decisão do que noticiar reflete também um conjunto de experiências, atitudes e expectativas próprias do *gatekeeper*⁴, ou seja, uma perspectiva do jornalista baseada na sua bagagem cultural.

A objetividade considerada um “mito” no jornalismo surge como meio legitimador do campo, defendendo os jornalistas de possíveis ataques. “A mítica da objetividade imposta pelos padrões redacionais e editoriais é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecimento, construindo o jornalismo como única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor”(BARBOSA, 2007, p.150).

A busca incessante pela objetividade é um mecanismo do jornalista se isentar de sua participação, de sua subjetividade. A objetividade é um valor construído na cultura jornalística que tem a função de guiar, orientar os profissionais. Embora eles mesmos saibam que não é possível atingi-la totalmente, sabem que devem persegui-la para realizar o seu trabalho da melhor maneira possível. Para um dos maiores veículos do país:

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém da obrigação de ser o mais objetivo possível. Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse. Consultar outros jornalistas e pesquisar fatos análogos ocorridos no passado são procedimentos que ampliam a objetividade possível (FOLHA DE SÃO PAULO apud MORETZSOHN, 2007, p.184).

⁴ Teoria do Gatekeeper surge nos EUA, nos anos 50, formulada por David Manning através de um estudo de caso. A teoria do Gatekeeper pressupõe que as notícias são como são porque os jornalistas assim as determinam.

Mas isso não desqualifica o caráter do jornalismo quanto ao seu papel de “servir ao público” com esclarecimentos, informações e denúncias porque como explica (ARENDRT apud MORETZSHON, 2007, p.141) “ todo conhecimento humano resulta de um processo simultaneamente objetivo e subjetivo, e que tem suas raízes provavelmente na distinção platônica entre verdade e opinião”.

Mesmo se valendo de recursos profissionais que conferem isenção ao jornalista, a história contada pelos meios de comunicação assim como as dos livros pressupõe um jogo de interesses no sentido do que se deseja preservar.

Entretanto, a escolha do que deve ser lembrado, do que deve ser omitido, não depende exclusivamente da mídia, mas sim da conjugação de diversos fatores políticos, sociais, históricos, etc. revelando um jogo de poder no sentido do que se deseja preservar. “A memória está sujeita a enquadramentos escolhe-se o que vai ser lembrado e o que deve ser esquecido”(POLLAK, 2012).

Dessa forma, o trabalho jornalístico de resgatar um fato do passado atravessa o viés da perspectiva histórica, construindo uma nova narrativa em que determinados aspectos, elementos e personagens podem ser ressaltados ou omitidos dependendo dos interesses envolvidos.

Pollak (2012) defende que a memória é um fenômeno construído social e individualmente:

Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos (POLLAK, 2012).

Considerando-se que a mídia possui grande poder de difusão e agendamento de informações, a maneira como o fato é apresentado e o enquadramento dado podem influenciar na formação cultural de um povo e conseqüentemente na organização de sua memória coletiva. Já que o discurso produzido pela mídia apesar de ser feito no presente, quando se debruça sobre o passado, se coloca na interseção dos três tempos: presente, passado e futuro. Faz parte do presente por sofrer influência do seu contexto social, é passado por ser uma (re)-apresentação desse e também é futuro porque ao determinar o que deve ser lembrado, e o que deve ser esquecido, realiza uma projeção.

Como define Le Goff, os jornalistas seriam assim ‘senhores da memória’. “Ser senhor da memória e do esquecimento é ser detentor do poder de fixar o presente para um futuro

próximo ou distante” (LE GOFF apud BARBOSA, 2005). No caso da cobertura de datas comemorativas pela imprensa percebe-se uma tendência à construção de uma “indústria da comemoração”, uma “espetacularização” que mais do que evocar o passado acaba por reconstruí-lo. Afinal, em dias de comemorações, não devem ser lembrados os momentos e feitos negativos, mas ressaltadas as grandes realizações. Elas, com certeza, são as memórias que fazem parte do oficial e não as “memórias subterrâneas” (POLLAK, 2012).

2 Narrativas sobre a mineiridade

O objetivo deste trabalho consiste em examinar a cobertura do aniversário de 110 anos de Belo Horizonte pelo jornal *Estado de Minas*. Para isso, realizamos uma pesquisa nos arquivos do jornal, compreendendo todo o mês de dezembro de 2007, período em que se comemora o aniversário da cidade.

Todavia, durante a nossa pesquisa, pudemos constatar que as reportagens comemorativas só saíram do início do mês até o dia 13 de dezembro, um dia após a data do aniversário. Por esse motivo, selecionamos reportagens do dia 01 até o dia 13 de dezembro, para os referenciais do nosso estudo.

Nossa proposta é mostrar quais fatos são resgatados e o porquê da escolha desses elementos narrativos ao invés de outros, no processo de representação da cidade. E, ainda, verificar se o jornalismo se apropria do discurso da “mineiridade” elaborado pela literatura e pela história para construir a imagem dos mineiros.

Adotaremos o discurso da mineiridade produzido pela literatura por ser uma forma de expressão cultural de um povo que carrega, portanto, na sua origem traços identitários. Na literatura, o mineiro é descrito como tradicionalista, conservador, desconfiado, tímido, conciliador:

Ser mineiro é esperar pela cor de fumaça.
É dormir no chão para não cair da cama.
É plantar verde para colher maduro.
É não meter a mão em cumbuca.
Não dar passo maior que as pernas.
Não amarrar cachorro com lingüiça.
Porque mineiro não prega prego sem estopa.
Não dá ponto sem nó.
Mineiro não perde trem.
Mas compra bonde. Compra. E vende para paulista.
(SABINO, 2012)

Ditados e provérbios populares também contribuem para reforçar a imagem do “ser mineiro”.

Mineiro trabalha em silêncio.
Mineiro a gente vai com o milho, ele já vem com o fubá.
Mineiro dá um boi para não entrar em uma briga e uma boiada para não sair.
(DESCUBRA MINAS, 2012)

A historiografia demonstra que os valores da mineiridade foram resgatados do passado, da época da Minas ainda colonial, da zona de exploração de ouro no século XVIII. O início da exploração do ouro ocorreu por volta de 1670. O maior produto de Minas era o ouro de aluvião extraído de 1700 a 1820. Nesse período, não havia uma rígida demarcação da estrutura social da sociedade mineira, favorecendo assim a formação de núcleos de trabalhadores livres. A tradição religiosa era muito forte, havia várias capelas e igrejas espalhadas pelo seu território.

Eram comuns as festas religiosas, procissões e rituais, algumas dessas manifestações perduram até hoje nas cidades no interior de Minas. Essa religiosidade preocupada em manter as tradições explica o caráter conservador do mineiro fiel aos “bons costumes”. Outra característica presente na mineiridade é o ideal de liberdade que tem suas raízes nos movimentos de libertação como a Revolta de Vila Rica⁵ e a Inconfidência Mineira⁶.

O século XIX enterra essa Minas do ciclo do ouro, construindo uma nova fase econômica marcada pela expansão da agricultura e pecuária que se tornam as principais atividades. Com isso, Minas perde sua força no cenário político nacional.

Para Arruda (1990), França (1998) e Dulci (2004) a reconfiguração sócio-econômica vivida pelos mineiros, durante esse período de transição, é que vai impulsionar o desejo de retorno ao passado. Por causa da perda de prestígio do estado, os mineiros insatisfeitos procuram a imagem de Minas do século XVIII, da qual sentem orgulho para cristalizar essas características no conceito de mineiridade.

O isolamento e a paralisia do tempo no mundo da fazenda, a incapacidade de promover novos momentos históricos e a impotência em gerar novos projetos estimularam a mistificação do período precedente, de maior efervescência. (FRANÇA, 1998, p.82)

⁵ Revolta de Vila Rica ou Revolta de Felipe dos Santos como também é conhecida ocorreu em 1720, em Vila Rica atual cidade de Ouro Preto. A revolta foi uma reação contra o aumento da exploração colonial.

⁶ Inconfidência Mineira ocorreu em 1789 na capitania de Minas Gerais, contra a execução da “derrama”, (imposto cobrado para completar a cota imposta por lei de 100 arrobas de ouro (1.500kg) anuais quando essa não era atingida) e o domínio português.

Segundo Arruda (1990), França (1998) e Musse (2008) a construção da mineiridade ocorre na virada do século XIX para o século XX, sendo marcada por duas temporalidades significativas: o apogeu do ouro e a introspecção do século XIX. (ARRUDA apud FRANÇA, 1998, p. 82).

A mineiridade seria uma construção intelectual dotada de 3 dimensões: mítica, ideológica e imaginária. Mítica na medida em que se baseia na mi(s)tificação de suas origens- a Inconfidência Mineira __, ideológica enquanto se presta à edificação dos projetos políticos particulares; imaginária no processo polissêmico de atribuição de novos sentidos aos significados míticos unitários”(FRANÇA, 1998, p.92).

A mineiridade é, portanto, uma construção simbólica criada com o objetivo de unificar as várias Minas em uma só, embora o conceito sirva aos ideais definidores de uma possível identidade mineira, não consegue dar conta da totalidade e da diversidade do estado. Consequentemente, alguns mineiros sentem-se representados e se identificam com os valores da mineiridade, enquanto outros não se reconhecem. O discurso carrega um forte viés político das elites que buscavam a legitimação do poder e a unificação do Estado.

A construção de Belo Horizonte, no final do século XIX, na região central de Minas, para ser a nova capital denota o desejo de projeção do estado de se afirmar no cenário nacional⁷. Ao mesmo tempo, em que reflete uma tentativa de solucionar, “diminuir” as diferenças demarcando uma posição geográfica estratégica, distanciando-a da influência de outros estados, reforçando assim os valores típicos da mineiridade. “Várias regiões se mantinham isoladas, outras gravitavam em torno de pólos comerciais externos, como os portos do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo”(MUSSE, 2008, p.36).

A criação de Belo Horizonte representou a formação de um pólo de integração para os mineiros atraindo pessoas de várias regiões do estado. “Belo Horizonte concretizou a possibilidade de uma política exercida no nível e em nome de todo o Estado, e representou um pólo de referência, um emblema para a criação de uma identidade cultural” (FRANÇA, 1998, p.67).

A religiosidade e a desconfiança do mineiro do interior, aliada ao caráter conservador, tradicional da política e a efervescência cultural ajudam a compor a imagem de Belo Horizonte. O belo-horizontino carrega essa dualidade, ao mesmo tempo em que se mostra contemporâneo, incorporando ares da capital, também possui traços do mineiro do interior. A mineiridade do belo-horizontino é o resultado da mistura da pluralidade do estado.

⁷ De acordo com, Dulci (2004) a construção de Belo Horizonte para ser a capital representa uma tentativa de romper com o passado da Minas do ciclo do ouro e projetar um novo futuro para o estado.

A mineiridade não é um conjunto de características prontas e acabadas que definem o perfil dos mineiros, mas sim “um sentimento e uma dinâmica simbólica compartilhados por pessoas de características variadas” (FRANÇA, 1998, p.99). É esse sentimento de “ser mineiro” que liga e unifica o estado, permitindo que os mineiros se reconheçam mesmo na diversidade. Para observar as características da mineiridade no texto jornalístico criamos unidades de análise que servissem à verificação de nossa hipótese: Se o jornal *Estado de Minas* interfere, ou não, na construção da identidade mineira, no caso específico, de Belo Horizonte. Seleccionamos três qualificações aleatórias presentes na literatura e na história de Minas para o nosso trabalho. São elas, a característica do mineiro prudente, religioso e “contador de histórias”.

3 Um estudo de caso do jornal *Estado de Minas*

Nossa pesquisa se deteve na análise das edições comemorativas do aniversário de 110 anos de Belo Horizonte que saíram desde o primeiro dia do mês até a sua décima terceira edição. Durante esse período foram publicadas 21 reportagens sobre o tema.

O jornal *Estado de Minas* do dia um de dezembro trouxe três reportagens sobre o aniversário da cidade. Para marcar uma identificação da série de matérias relativas às edições comemorativas foi criada uma arte com a imagem da Igreja da Pampulha ligada às letras iniciais da capital: BH. Abaixo da arte, aparece a idade da cidade: 110 anos.

A primeira reportagem do dia um de dezembro com a manchete: “Capital já tem mais apartamentos (247,6 mil) do que casas (188,7mil). De acordo com as guias do IPTU, falta de espaço, valorização do solo e segurança são os principais motivos” coloca em questão o crescimento da cidade. Na matéria, dois condomínios que possuem grande número de moradores são destacados: o Condomínio JK- Juscelino Kubistchek e o IAPI- Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários, respectivamente, o primeiro, devido à quantidade de moradores, cerca de cinco mil, e o outro, pelo seu valor histórico. No final, depoimentos de moradores satisfeitos de ambos os condomínios contribuem para afirmar a ideia de que é bom morar em apartamento.

Na segunda matéria ainda da primeira edição, o tema é a disputa de três edifícios residenciais: Teodoro, São Marcos e Lutetia pelo título de mais antigo da cidade. Não existe um registro histórico certo, sabe-se que os projetos foram feitos entre 1939 e 1940. Observa-se que as duas reportagens que inauguram a série se complementam construindo uma imagem de uma cidade desenvolvida, verticalizada, com “ares de uma grande cidade”, uma metrópole.

A última reportagem do dia um de dezembro descreve a programação prevista por conta do aniversário da cidade: inauguração de obras, shows, Encontro Internacional de prefeitos e o início da montagem da iluminação para o Natal. Nessa matéria nota-se que o aniversário da cidade assume a dimensão de “praça pública subversiva” expressão cunhada por (BARBOSA, 2005), sendo enfatizado o seu valor como “espetáculo”. A comemoração é transformada em uma comercialização lucrativa e não é destacado o real sentido histórico do que a data oficial significa.

Na edição do dia dois, a matéria intitulada: “Lições do caos e da pobreza” aponta problemas como violência, gestão do lixo e transporte público na capital. Esses temas foram debatidos no evento político dos 110 anos de BH, o Encontro de Prefeitos de Metrôpoles, no qual representantes das cidades da América Latina e Caribe discutiram ações em busca de soluções. A reportagem apresenta uma espécie de equilíbrio, coloca na balança os problemas enfrentados pela cidade, ao mesmo tempo em que evidencia projetos que promovem melhorias.

Assim como na edição anterior, o dia três só teve uma matéria sobre os 110 anos de BH. Com o título: “Domingo Musical na Savassi”, a reportagem trata de uma “celebração” com variados estilos musicais. O motivo da diversidade é ressaltar o pluralismo da cidade : “As pessoas compartilham a multiplicidade de sons e se respeitam afinal, BH é uma cidade de todos”. Isso contribui para reforçar o mito de uma Belo Horizonte de todos, heterogênea, plural, que consegue reunir todas as especificidades das diferentes regiões de Minas em um só lugar.

Diferentemente das reportagens anteriores, a quarta edição com: “Este é o lugar” inova por trazer uma pauta que pretende destacar o que a cidade tem de melhor. Além disso, a matéria não faz uso de “fontes oficiais” para falar de BH, mas sim de fontes públicas conhecidas no cenário local e até mesmo no nacional. Cada entrevistado tem a tarefa de escolher um lugar da capital para levar uma pessoa de fora, estrangeira para conhecer. No depoimento cada um explica o porquê da escolha daquele local.

Analisando os depoimentos percebemos a presença de elementos típicos da mineiridade e também como a memória da cidade é trabalhada pelo jornal. Na fala do comediante Carlos Nunes, o conceito é evocado: “Nunca levei alguém que não tivesse gostado, se encantado com o Mercado Central. É o espaço mais democrático da cidade. Lá está a síntese da mineiridade”. Na voz de Nunes, a “mineiridade” assume um caráter plural, democrático, como se incorporasse todos os traços culturais das diferentes regiões de Minas.

Os outros depoimentos não fazem uma menção explícita à mineiridade, mas revelam aspectos do passado da cidade: “Tinha a antiga Feira Hippie. Lugar positivo, a memória da capoeira de Minas”. (Nego Ativo) Ou ainda “No Parque das Mangabeiras, com todo aquele verde, explico para as pessoas que BH era assim, por isso chamada cidade jardim”. (Lô Borges)

A edição do dia cinco de dezembro de 2007 “Pedestre tem a preferência” pode ser classificada como uma matéria suíte, pois é uma repercussão do Encontro de Prefeitos-Metrópoles- América Latina e Caribe que foi noticiado no segundo exemplar de dezembro. A novidade que o texto traz são os investimentos da prefeitura em obras de acessibilidade na região central da cidade.

Fazendo parte da série de reportagens “festivas” em celebração do aniversário de BH, como “Festa com data marcada” e “Domingo Musical na Savassi”, “Parque ganha iluminação” publicada no dia sete de dezembro relata a inauguração da iluminação no Parque Municipal.

Já a matéria da oitava edição “Cidades dentro da capital” mostra a expansão de três bairros de BH, que se tornaram auto-suficientes em relação ao Centro. São eles: Barreiro, Burity e Venda Nova. O índice de crescimento desses bairros ultrapassa o da população de BH, segundo o IBGE, entre 1991 e 2000, BH cresceu 1,2% enquanto Barreiro e Venda Nova 1,9% e 2,2% respectivamente. Da mesma maneira que na primeira reportagem do dia um de dezembro, percebe-se aqui a construção de uma imagem de uma BH desenvolvida, moderna, em que seus bairros adquirem dimensões de verdadeiras “cidades” como o próprio título sugere.

A edição do dia nove de dezembro traz duas matérias que tratam da temática cidade “Bons frutos para o futuro”, que destaca o trabalho desenvolvido por jovens no Programa Árvore da Vida, na montagem do símbolo da árvore de Natal da Pampulha e “Espírito de fé e gratidão”, na qual aparece pela primeira vez indícios da religiosidade do mineiro, na celebração do dia oito, dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. No encerramento dessa matéria, a fala de uma fiel traduz o sentimento de fé dos mineiros na Santa: “Todos os anos venho agradecê-la. Com a ajuda dela, me curei de um câncer”(Maria Elena Venâncio, moradora do Barreiro).

Na última matéria do dia nove o assunto é cultura. No título: “Novo horizonte” o trocadilho com o nome da cidade insinua a transformação do campo cultural mineiro. Antes, até a metade dos anos 70, Belo Horizonte apenas assistia ao que acontecia no país. É o surgimento do Clube da Esquina, que lança BH no circuito nacional.

Na chamada da matéria, a dualidade característica marcante da mineiridade de Belo Horizonte é citada: “A capital mineira fala ao mundo, misturando tradição e modernidade”. Mesclando depoimentos de artistas de três campos culturais, a matéria faz uma análise da música, do cinema e do teatro na capital.

Porém se detém mais no cinema ressaltando duas novas produções do cineasta Luiz Carlos Lacerda que serão gravadas na cidade: “O bom crioulo” e um filme sobre os 110 anos da capital mineira, uma versão contemporânea do realizado em 1958. No final da fala de Lacerda, podemos perceber um dos elementos narrativos da literatura que remetem à “mineiridade”, a figura do mineiro contador de histórias: “Talvez pela falta do mar, o mineiro tem tendência introspectiva e desejo de contar histórias. E consegue fazer isso com muita competência”. elogia Lacerda

Faltando um dia para o aniversário da cidade, as reportagens do dia onze de dezembro se encarregam dos preparativos finais para a festa. “Decoração para as festas”, “Bolo com sabor especial” e “O poder de um grande abraço” marcam os ritos de comemoração.

No dia doze de dezembro, aniversário de BH, quatro matérias compõem o quadro da série comemorativa: “Pequeno charme de uma grande cidade”, “Festa por toda cidade”, “Policimento e nova paisagem” e “Revoada de Anjos”. Em “Pequeno Charme de uma grande cidade” um passeio por BH, revela a sobrevivência de vilas em seus bairros e até mesmo na sua região central.

Apesar de trazer à tona elementos do passado, a matéria deixa claro que a cidade mudou e não é mais a mesma dos anos 30,40. Mas que luta para preservar patrimônios importantes para sua população. “Em meio à agitação e barulho do trânsito e com quase 2,5 milhões de habitantes, BH comemora hoje 110 anos, cada vez mais verticalizada. Mas ainda conserva ilhas de tranquilidade”.

Em “Festa por toda a cidade” e “Revoada de Anjos” o clima de comemoração se faz presente por conta dos eventos em decorrência do aniversário da cidade. “Revoada de Anjos” remete à festividade do Natal, demonstrando também um apego à religiosidade, considerando-se que por ocasião das comemorações poderia ter sido utilizado um símbolo ou figura mais característico, típico para enfeitar a cidade.

Encerrando a série de aniversário, a edição do dia treze mostra a repercussão dos eventos que fizeram a festa na cidade. As reportagens “Presentes para a população” e “Espetáculo na Pampulha” como os próprios títulos indicam fazem parte da “indústria das

comemorações”, na qual o valor da notícia como espetáculo se sobressai à importância da data oficial.

Logo, abaixo das matérias na crônica “A cidade da gente”, Maurício de Lara faz associações sobre as cidades e suas marcas identitárias. “Paris, por exemplo, é a cidade luz. Roma é a cidade eterna, Viena é a cidade música. São Paulo é a cidade que não pode parar”. E se indaga sobre a peculiaridade de Belo Horizonte: “E Belo Horizonte, essa jovem de 110 anos? É simplesmente a cidade da gente. Então é a melhor de todas”.

Ao se questionar, ele conclui que: “BH é a cidade da gente”, estabelecendo assim uma proximidade com o leitor que gera identificação. Essa identificação como a condução da crônica revela tem o papel de levar o leitor a analisar a cidade em que vive, com suas mudanças, seus problemas e suas qualidades. O objetivo desse exame é planejar o futuro seus próximos anos “120, 130, 200 anos.... O tempo não vai parar de passar”[...]

Observamos que ao rememorar o passado a mídia também projeta o futuro, ao construir uma imagem pela qual a cidade será lembrada nos próximos anos e ao se preocupar com o destino dela. Na crônica, o autor faz um apelo à população: “Belo Horizonte é a cidade da gente porque é a que temos. Então, vai depender do envolvimento de cada um o dia de amanhã”.

4 Considerações finais

Ao analisar a cobertura do aniversário de Belo Horizonte pelo jornal *Estado de Minas*, nota-se que o passado só é evocado como gancho para explicar ou se referir a algum assunto presente. Não é resgatado, do ponto de vista da memória como valor histórico, fato relevante.

Das 21 matérias examinadas, oito fazem parte da “indústria das comemorações”, cinco têm o papel de projetar BH para o futuro, enquanto as outras cinco tratam de temas relativos à cidade e as três restantes têm como tema religiosidade.

Percebe-se que, na maioria das reportagens, a data comemorativa assume o viés de espetáculo, sendo realçado o seu poder de criar e promover eventos na cidade. Embora a série de reportagens possua por natureza esse caráter comemorativo por se tratar da celebração do aniversário da cidade, não há uma preocupação em enfatizar as origens, a história de BH. O passado não é rememorado com romantismo ou de forma nostálgica. É como se o jornal negligenciasse sua importância para projetar uma nova imagem.

Em relação ao mito da mineiridade, a representação da identidade do mineiro não reforça o discurso literário. Pelo contrário, o jornal parece trabalhar no sentido de (des)construir esse conceito. Os valores da mineiridade quando aparecem são reproduzidos de forma tímida, diluída nas páginas do jornal. Paralelamente a essa (des)construção, há um esforço do jornal em construir uma imagem de uma Belo Horizonte, moderna, metrópole.

Constata-se que a ausência de elementos característicos do mineiro da literatura significa uma tentativa de ruptura com uma identificação interiorana de uma BH roceira, “roça grande” como é chamada popularmente, para se afirmar como uma cidade grande com “ares de capital”.

Quanto à diversidade e à pluralidade no discurso jornalístico, BH não consegue abarcar as “várias Minas”, sendo que esses fatores fazem parte de uma versão histórica que precisava justificar a construção de uma nova capital com o intuito de centralizar e unificar o estado.

Portanto se a identidade e a memória são valores construídos através de disputas que envolvem a negociação de histórias, origens, tradições, mitos e crenças, podemos dizer que, se os jornais atuam no cotidiano produzindo narrativas sobre o passado, eles participam dessa luta ocupando um lugar privilegiado porque selecionam, organizam e hierarquizam a história social.

Conclui-se que as edições comemorativas do jornal *Estado de Minas* atuam na identidade do belo-horizontino (des)construindo o conceito da mineiridade da literatura, quando se utilizam da memória como marketing com a finalidade de projetar uma imagem da cidade para o futuro. Não há uma preocupação em usar as lembranças do passado nem mesmo para produzir uma reflexão crítica que auxilie a compreensão do presente ou oriente a seguir adiante. Observa-se que a função do passado neste caso, não é recordar, redescobrir com o objetivo de preservar, mas sim construir, inventar uma nova Belo Horizonte que possa acompanhar as transformações vividas pela sociedade.

Referências:

Cobertura do aniversário de 110 anos de Belo Horizonte. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, edições dezembro de 2007.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Ed Mauad, 2007.

_____. **Jornalistas, “senhores da memória”?** Trabalho enviado para o NP 02 – Jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed UFMG, 2007.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: A história amena de um jornal mineiro.** Belo Horizonte: Ed: UFMG 1998.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2006

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real” O fetiche da velocidade.** Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2002

_____. **Pensando contra os fatos Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico.** Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2007

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: Funalfa, 2008

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. ; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C.; (orgs) **História e Imprensa Representações culturais e práticas de poder.** Rio de Janeiro Ed DP’A, 2006

NORA, Pierre. **Les lieux de Mémoire.** Paris: Gallimard, 1984.

PERNISA, Mila Barbosa. **A construção simbólica da identidade mineira no telejornal da Rede Minas.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social** Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2012

ROCHA, Simone Maria. **Identidade regional, produção e recepção: A “mineiridade” na televisão.** XII Congresso Nacional de Pós-Graduação em Comunicação COMPÓS Recife/PE 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – Porque as notícias são como são.** Volume I. Florianópolis: Ed Insular, 2008

_____. **Teorias do jornalismo A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional** Volume II. Florianópolis: Ed Insular, 2008.

Sites:

http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitetura/debord_sociedade_do_espetaculo.pdf Acessado em 04 de junho de 2012.

<http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000236.pdf> Acessado em 10 de junho de 2012

www.diariosassociados.com.br acessado em 14/06/2012

www.uai.com.br acessado em 14/06/2012